

Senador passa a acumular cada vez mais atritos

No último mês, ele brigou com o Executivo, o Judiciário e até com o Legislativo

Hoje a maior estrela do PFL, o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (BA), praticamente é candidato à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso desde a convenção do partido, ocorrida no dia 7 de maio. "Não sou, mas, se for vontade das bases, vamos ver", disse ele no dia, respondendo à empolgação da militância partidária. Uma semana depois criticou o PSDB por reconhecer no governador Mário Covas o nome tucano para disputar 2002. "O lançamento de nomes talvez perturbe o governo de Fernando Henrique."

Da convenção do PFL até hoje, Antonio Carlos ocupou-se em fixar espaço político além até de seus próprios domínios, o Senado. Nessa briga, provocou todos os Poderes: Fernando Henrique, chefe do Executivo; o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Carlos Velloso; e seu parceiro de Legislativo, o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP).

A única trégua dada ao presidente foi no episódio da nomeação de João Batista Campelo para a Polícia Federal. Quando ocorreu o confronto com o PMDB, ACM esteve ao lado do governo. No momento em que emergiram as denúncias de que Campelo teria participado de sessões de tortura no regime militar, o senador mudou: "Não nomeio quem não conheço, mas, se fosse nomeado, não seria demitido", disse, ao responder a pergunta sobre qual seria o seu procedimento, nesse caso.

A última briga com o Judiciário foi travada com o presidente do Supremo. ACM ameaçou reduzir o poder da Justiça, em represália ao fato de o STF ter desbloqueado os bens e restituído o sigilo bancário e telefônico ao ex-presidente do Banco Central Francisco Lopes – contra as determinações da CPI dos Bancos, em funcionamento no Senado. "O senador tem certos arroubos, todo mundo sabe", disse Velloso, em resposta.

Com o presidente da Câmara, a briga foi menos suave. ACM ofendeu-se pelo fato de Temer ter-se "intrometido" na reforma do Judiciário, que tramita na Câmara, e lançou suspeitas de que ele agiria em causa própria, por ser advogado. "Esse não é assunto para curiosos", reagiu o deputado. O bate-boca entre eles ocupou páginas de jornais por alguns dias.